

# **“A Mitologia é uma obra de arte da Natureza”**

sobre o conceito de uma nova Mitologia em Friedrich Schlegel,  
no “Sistema do Idealismo Transcendental” de Schelling e  
no “Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão”

**Markus Enders**

UNIVERSIDADE DE FRIBURGO

## **Introdução e objectivos**

O ano de 1800 é o ponto de referência comum para se entender a ideia de uma ‘Nova Mitologia’ em Friedrich Schlegel e em Schelling. Neste mesmo ano foram publicados uma série de textos nos quais ambos os filósofos apresentam as suas teorias acerca de uma Nova Mitologia: Friedrich Schlegel publica, no início desse mesmo ano, o seu ‘*Diálogo sobre a Poesia*’ e Schelling apresenta a sua teoria no famoso sistema de 1800, o ‘*Sistema do Idealismo Transcendental*’.

No texto que se segue serão, em primeiro lugar, analisados os sentidos diferentes dessa ideia – Nova Mitologia – em ambos os autores; veremos a relação entre ambos e, por fim, faremos a comparação com o “Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão”. Desta comparação deverá surgir uma resposta à pergunta se, e até que ponto, os conceitos de uma ‘Nova Mitologia’ em ambos autores românticos terão sido influenciados pelo “Programa de Sistema”.

## **I.**

### **A poesia romântica enquanto “Nova Mitologia” em Friedrich Schlegel**

#### **1.1 A infinitude progressiva da poesia romântica enquanto reflexo do infinito**

Friedrich Schlegel, autor romântico da fase inicial do Romantismo, caracterizou no fragmento 116 do conhecido *Athenäum* de 1798, a intenção programática da poesia romântica enquanto “Poesia universal progressiva” (*progressive Universalpoesie*). A universalidade da poesia romântica é justificada por Schlegel, na medida em que ela não apenas reúne todos os tipos de poesia até então separados,

mas, também, abrange e está presente em todas as outras formas de expressão espirituais da cultura humana e do indivíduo<sup>1</sup>.

À esfera desta poesia universal progressiva devem pertencer, segundo Schlegel, tanto os maiores sistemas de arte como “o suspiro e o beijo, que a criança sopra num cantar sem arte” e conseqüentemente tudo o que mais ou menos conscientemente é cultivado e versegado. Mais ainda, a poesia deve, conforme o que transparece e se conclui no “Diálogo sobre a Poesia”<sup>2</sup> do início de 1800, ser tão universal e exaustiva que englobe em si tudo o que tem vida, até mesmo a vida que se desenrola nas plantas. Esta vida conta, segundo Schlegel, para a denominada “Poesia sem forma e sem consciência (do universo)”, na qual ele vê a primeira e original poesia “sem a qual não haveria certamente poesia das palavras”<sup>3</sup>. “Poesia”

---

<sup>1</sup> Vide KFSa, Vol. II, p. 182: „Die romantische Poesie ist eine progressive Universalpoesie. Ihre Bestimmung ist nicht bloß, alle getrennten Gattungen der Poesie wieder zu vereinigen, und die Poesie mit der Philosophie und Rhetorik in Berührung zu setzen. Sie will, und soll auch Poesie und Prosa, Genialität und Kritik, Kunstpoesie und Naturpoesie bald mischen, bald verschmelzen, die Poesie lebendig und gesellig, und das Leben und die Gesellschaft poetisch machen, den Witz poetisieren, und die Formen der Kunst mit gediegenem Bildungsstoff jeder Art anfüllen und sättigen, und durch die Schwingungen des Humors beseligen. Sie umfaßt alles, was nur poetisch ist, vom größten wieder mehrere Systeme in sich enthaltenden Systeme der Kunst, bis zum Seufzer, dem Kuß, den das dichtende Kind aushaucht in kunstlosen Gesang.” Sobre este assunto comparar M. Elsässer, *Friedrich Schlegels Kritik am Ding. Mit einem Geleitwort* hg. v. W. Beierwaltes, Hamburg 1994, p. 27: „Universal ist Poesie, wenn sie in einem schlechterdings absoluten Sinne jedwede nur mögliche Wirklichkeit formaler oder thematischer Provenienz in sich aufnimmt. *Idem*, p. 28: „Zum thematischen Vorwurf vermag alles zu dienen, was in irgendeiner Weise bewußt wird. Insofern besteht keine Diskontinuität zwischen ‚natürlichen‘ und ‚künstlichen‘ Gegenstandsbereichen. Der ‚Seufzer‘, der ‚Kuß‘, der ‚kunstlose Gesang des Kindes‘ ist ebenso Dichtung wie ‚das größte wieder mehrere Systeme in sich enthaltende System der Kunst‘ und daher relevant für romantische Universalpoesie.”

<sup>2</sup> Em relação à História da origem e datas correctas de *Gespräch über die Poesie*, vide KFSa, Vol. II, Introdução, LXXXVII ss.

<sup>3</sup> Vide KFSa, Vol. II, p. 285: „Unermeßlich und unerschöpflich ist die Welt der Poesie wie der Reichtum der belebenden Natur an Gewächsen, Tieren und Bildungen jeglicher Art, Gestalt und Farbe. Selbst die künstlichen Werke oder natürlichen Erzeugnisse, welche die Form und den Namen von Gedichten tragen, wird nicht leicht auch der umfassendste alle umfassen. Und was sind sie gegen die formlose und bewußtlose Poesie, die sich in der Pflanze regt, im Lichte strahlt, im Kinde lächelt, in der Blüte der Jugend schimmert, in der liebenden Brust der Frauen glüht? – Diese aber ist die erste, ursprüngliche, ohne die es gewiß keine Poesie der Worte geben würde. Ja wir alle, die wir Menschen sind, haben immer und ewig keinen anderen Gegenstand und keinen anderen Stoff aller Tätigkeit und aller Freude, als das eine Gedicht der Gottheit, dessen Teil und Blüte auch wir sind – die Erde.” Em relação à extensão da poesia universal, vide E. Behler, *Friedrich Schlegels Theorie der Universalpoesie*, in *Jahrbuch der Deutschen Schillergesellschaft* 1 (1957), p. 215: „Hier ist alles als Poesie verstanden.” *Idem*, p. 216: „Diese [sc. die Universalpoesie] sollte alles Gedichtete und Gebildete zu einer Gesamtanschauung des Universums zusammenfassen

torna-se, por isso, para Schlegel, a cifra de tudo o que tem vida, tanto da vida consciente como da inconsciente. A poesia romântica deve tornar visível e exprimível esta vida que se reflecte no universo e, em especial, o infinito. Segundo o fragmento da *Athenäum*, esta poesia é “progressiva”, em termos do seu procedimento, na medida em a realização é um constante ‘tornar-se’: “este é o seu verdadeiro ser, que se desenrola sempre e que nunca pode estar acabado”<sup>4</sup>. A poesia encontra-se em permanente mudança, numa progressão infinita, enquanto propicia o completo livre-arbítrio do poeta romântico, i.e., segundo Schlegel, o querer-poder<sup>5</sup> ilimitado que “não aceita qualquer lei acima da sua”<sup>6</sup>. Em última instância, tanto a infinitude de conteúdos inerente ao conceito de poesia universal progressiva, assim como o desenvolvimento da poesia romântica, são constituídos por aquilo que cada acto individual de reflexão poética<sup>7</sup> representa e reflecte<sup>8</sup>, a saber, o devir infinito do universo realizado através do próprio infinito. O infinito é entendido por Schlegel, na sua fase inicial, e logo desde a publicação do seu escrito programático *Filosofia*

---

und ein Bewußtsein von der Unendlichkeit der menschlichen Welt erwecken.” Sobre a teoria da poesia universal em Schlegel *ibidem*, pp. 211-252.

<sup>4</sup> Comparar KFSa, Vol. II, p. 183; em relação ao princípio de um ‘tornar-se infinito’ da forma da poesia romântica, vide E. Behler; para a relação de Hegel e Friedrich Schlegel na teoria do infinito, *idem*, p. 139: „In diesem Prinzip eines unendlichen Werdens, das weder in bezug auf seinen Ursprung noch auf sein Ziel hin auf eine im Wissen begreifbare Gegebenheit oder auf ein vom Verstand erfassbares Modell zurückgeführt werden kann, drückt sich Schlegels Konzeption des Unendlichen am prägnantesten aus”.

<sup>5</sup> Em relação a esta definição de „livre-arbítrio” em Schlegel na sua fase inicial, comparar M. Elsässer, *Friedrich Schlegels Kritik am Ding*, op. cit., p. 29: „Weniger bekannt ist der volle Bedeutungsumfang, den der Begriff Willkür in dieser frühen Periode bei Schlegel innehat. „Willkür” meint nichts anderes als die Möglichkeit, wählen oder wollen zu *können*. Ganz ähnlich wie für Schleiermacher gilt auch für Schlegels Verständnis des Begriffs, daß diesem die vermutete Spitze selbstüberheblicher Subjektivität genommen ist.”

<sup>6</sup> *Vide* KFSa, Vol. II, p. 183: „Sie [sc. die romantische Poesie] allein ist unendlich, weil sie allein frei ist, und das als ihr erstes Gesetz anerkennt, daß die Willkür des Dichters kein Gesetz über sich leide.”

<sup>7</sup> Zum Terminus der „poetischen Reflexion” cf. M. Elsässer, *Friedrich Schlegels Kritik am Ding*, 34: „Während Vernunft in der fingierten Wirklichkeit der Selbstreflexion tote, weil in sich abgeschlossene Systematik erzeugt, erfährt der dichtende Verstand unaufhörlich neue Anregungen aus dem Unendlichen, die eine systematisch abschließende Erstarrung verhindern. Die so gefaßte, „lebendige” Wirklichkeit des Verstehens nennt Schlegel, poetische Reflexion’.”

<sup>8</sup> Cf. M. Elsässer, *Einleitung*, in DERS., (Hg.), *Friedrich Schlegel. Transzendentalphilosophie*, PhB 416, Hamburg 1991, XXXII: „Das unendliche Werden bezieht sich aber nicht nur auf die linear zeitlich fortlaufende Reihe einzelner Reflexionen, die wie eine endlose Kette von je für sich endlichen Bewußtseinstatsachen dem Werden des Unendlichen gewissermaßen synchron läuft. Vielmehr impliziert der Gedanke unendlichen Werdens auch eine diachrone Durchdringung von deren Inhalten. Reflektiert wird nicht nur das je neu aus der Unbewußtheit des Universums hervorkommende Phantasma, sondern ebenso das bereits reflektierte.”

*transcendental de Iena* (1801), como uma pura, irracional e caótica plenitude, abrangente sem fim, que se manifesta na natureza como contracção inconsciente da forma em que se tornou e que, enquanto fonte de entusiasmo, se torna na consciência fantasiada, poética e reflexiva de cada indivíduo. Este chamado ‘entusiasmo’ é pensado por Schlegel, na introdução dos fundamentos sistemáticos da *Filosofia Transcendental de Iena*, quanto à forma enquanto factor positivo da consciência filosófica e quanto ao conteúdo, à maneira platónica, como o que coloca a força do espírito humano ou da consciência em acção. O princípio de actividade que move o entusiasmo é, para Schlegel, a Natureza que, no seu essencial devir, representa o resultado de uma contradição imanente entre os factores originários (*Urfakta*) da dualidade e da identidade. Mas a Natureza como tal é “a imagem de uma divindade em devir”<sup>9</sup>, a real ou efectiva divindade em si mesma<sup>10</sup>. Esta divindade é, no entanto, para Schlegel, o próprio infinito, na condição em que este possa ser ou tornar-se pensado ou consciente<sup>11</sup>. Daí que também em relação ao próprio infinito haja uma determinada contradição, a saber, a oposição entre os elementos positivos do próprio indefinido, irracional e conseqüentemente sem estrutura, e entre o definido enquanto elemento negativo desse mesmo infinito. Por isso, apenas sob a pressuposição desta dualidade inerente ao infinito pode Schlegel pensar o infinito como puro tornar-se e como aquilo que, segundo o seu entendimento, é superior a

<sup>9</sup> KFSa, Vol. XII, p. 54: “Die *Natur* ist das Bild der werdenden Gottheit.”

<sup>10</sup> Comparar KFSa, Vol. XII, p. 21: “Die *Natur* ist das Mittelglied zwischen der *Realität* und der *Gottheit*. Ihre unendliche Aufgabe ist, die *Gottheit* zu realisieren.” *Idem*, p. 25: “Verbinden wir die *Gottheit* mit der *Realität* und centriren diese Verbindung durch das *Unendliche*, so erhalten wir eine *reelle Gottheit mit Unendlichkeit*, oder was dasselbe ist, die *Natur*. Diesen Begriff in einen Satz gebracht, würde heißen: *Es ist die unendliche Aufgabe der Natur, die Gottheit zu realisieren*.” *Ibidem*, Anm. 2: “*Natur* ist gleichsam eine *wirklich gewordene Gottheit*.”

<sup>11</sup> Vgl. KFSa, Bd. XII, 20, Nachtrag zu den Elementen der Philosophie: „Wenn das *Unbestimmte* wirklich werden soll, so muß es aus sich selbst herausgehen, und sich bestimmen. (Angewandt könnte dies heißen: *Die Gottheit hat die Welt gebildet, um sich selbst darzustellen*.)” Ebd.: „das *Unendliche mit Bewußtseyn verbunden, giebt den reinen Begriff der Gottheit*.” Für eine Ineinssetzung der Gottheit mit dem Unendlichen spricht auch die Gleichsetzung von ‚Gottheit‘ und ‚Werden‘, vgl. KFSa, Bd. XII, 53: „Wir wissen das Daseyn der Gottheit unmittelbar, weil das die Quelle alles Wissens ist. Wenn man die *Urfakta* übersetzen will, so heißt es, die Gottheit kann nur *im Werden* gedacht werden.” Ebd., 54: „Wie die *Natur* ein Bild der werdenden Gottheit ist, so ist die Liebe ein Vorgefühl der noch nicht vorhandenen Gottheit.” Ebd., 79: „*Die Natur ist die werdende Gottheit*. Aus dieser Ansicht geht die Gemeinschaft hervor, in der wir mit der Gottheit stehen; hingegen wird die Gottheit gedacht als Daseyn, wie es gewöhnlich geschieht, so ist alle Verbindung mit ihr Täuschung.” Vgl. auch KFSa, Bd. XVIII, 414, Nr. 1119: „Das Bewußtsein d[es] Unendlichen potenzirt giebt d[ie] *Idee d[er] Gottheit*, die Idee aller Ideen.” Vgl. auch KFSa, Bd. XIII, 14; Sobre a temática, Divindade e devir ‘ cf. vgl. M. Elsässer, *Friedrich Schlegels Kritik am Ding*, op. cit., 65-91, espec. 89, nota 152: „Das Universum ist das eigentlich Göttliche.”

tudo, porque “no conceito *tornar-se* está contida a condição de uma contradição”<sup>12</sup>. Infelizmente não me é possível realizar agora uma análise mais precisa de ambos os elementos do infinito, entendidos como um princípio quase metafísico do pensamento de Schlegel; sobre esta vertente, limitar-me-ei a remeter para anteriores escritos meus sobre o conceito romântico do infinito em Friedrich Schlegel<sup>13</sup>.

Até que ponto estas características principais do pensamento de Schlegel, aqui breve e sucintamente referidas, são significativas para o seu entendimento de uma Nova Mitologia?

## II

### O conceito de Schlegel de uma Nova Mitologia no seu “Diálogo sobre a Poesia”

#### 2.1 O “Idealismo-Real” (*Real-Idealismus*) da “Nova Mitologia” e a Natureza como fonte de inspiração

No seu *Discurso sobre a Mitologia* que “foi publicado enquanto parte programática principal do *Diálogo sobre a Poesia*”<sup>14</sup> e em que, sob uma forma fictícia, são abordados os poetas contemporâneos, Friedrich Schlegel realiza uma análise crítica da época, sublinhando o isolamento do sujeito moderno da visão religiosa do mundo e, por isso, igualmente despojado tanto na acção como na dádiva de sentido, algo que se revela também no campo da poesia, tal como o autor havia prontamente sublinhado no seu ensaio “Do valor dos estudos dos gregos e dos romanos”<sup>15</sup>. As perguntas retóricas, dirigidas aos poetas contemporâneos no início do seu *Discurso sobre a Mitologia*, pressupõem imediatamente esta análise e procuram, num gesto claramente profético, suscitar nos representantes da corporação poética a realização de uma tarefa comum, ao atribuir ao “mais elevado santo” („höchsten Heiligen”) – com isto, Schlegel deveria querer dizer o que, no seu

---

<sup>12</sup> KFSa Vol. XII, p. 54; KFSa Vol. XII, p. 58: “Alles Werden setzt einen Widerstand voraus. Denn sonst wäre kein Werden, sondern ein absolutes Seyn.”

<sup>13</sup> *Das romantische Unendlichkeitsverständnis Friedrich Schlegels*, in *Deutsche Vierteljahrschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte* 74 (2000), pp. 44-83.

<sup>14</sup> Vide Helmut Buchholz, *Perspektiven der Neuen Mythologie. Mythos, Religion und Poesie im Schnittpunkt von Idealismus und Romantik um 1800* (Berliner Beiträge zur neueren deutschen Literaturgeschichte 13), Frankfurt a. M./Bern/New York/Paris 1990, p. 179.

<sup>15</sup> Vide KFSa I, pp. 217, 221 ss., 228, 239; comparar aqui H. Buchholz, op. cit., 180 ss.

romance *Lucinde* é o “ser interior do divino”<sup>16</sup> que, para ele, significa o próprio infinito – nome e forma, bem como ao conjurar o “espírito do amor” através da sua palavra mágica, de acordo com o seu desejo de dar vida às belas imagens<sup>17</sup>. Segundo isto, a tarefa comum dos poetas contemporâneos consiste em duas coisas distintas: apresentação poética do infinito, i.e., do universo como o “mais elevado santo” e, ao mesmo tempo, na actividade do seu livre-arbítrio exigida, ou seja, do seu querer subjectivo do qual os poetas devem expressamente fazer uso na realização desta tarefa.

Num segundo passo Schlegel apela – de uma forma retoricamente muito hábil de expressar as suas convicções – ao sentimento da própria dignidade dos poetas, para que no acto de criação poética tenham novamente “solidez firme para criarem um chão maternal, um céu, uma atmosfera viva”. O sentido fundador perdido e a inspiração poética da criação<sup>18</sup> que nele se origina devem, portanto, ser reencontrados juntos na forma de uma mitologia cuja ausência na arte poética contemporânea representa um *deficit* em relação à arte poética, uma vez que a mitologia era “o ponto central da arte poética antiga e podia novamente sê-lo para a arte poética contemporânea”<sup>19</sup>. Por isso, Schlegel desafia, em tom solenicamente profético, os poetas para que, em conjunto, colaborem na produção de uma nova mitologia que, ao contrário das ingénuas visões gnosiológicas das mitologias antigas, deverá surgir não através de uma imitação empírica e sensorial<sup>20</sup>, mas, sim, através

<sup>16</sup> Vide *Lucinde* em: KFSa V, p. 20: “Die Zeit ist da, das innre Wesen det Gottheit kann offenbart und dargestellt werdem, alle Mysterien dürfen sich enthüllen und die Fucht soll aufhören”.

<sup>17</sup> KFSa Vol. II, pp. 311-312: “Soll die Kraft der Begeisterung auch in der Poesie sich immerfort einzeln versplittern und wenn sie sich müde gekämpft hat gegen das widrige Element, endlich einsam verstummen? Soll das höchste Heilige immer namenlos und formlos bleiben, im Dunkel dem Zufall überlassen? Ist die Liebe wirklich unüberwindlich, und gibt es wohl eine Kunst, die den Namen verdiente, wenn diese nicht die Gewalt hat, den Geist der Liebe durch ihr Zauberwort zu fesseln, daß er ihr folge und auf ihr Geheiß und nach ihrer notwendigen Willkür die schönen Bildungen beseelen muß?”.

<sup>18</sup> Vide também H. Buchholz, *Perspektiven der Neuen Mythologie*, p.183: “Im Blick auf das eigene Zeitalter kommt Schlegel indes zu der Diagnose eines fortschreitenden Zerfalls des kreativen Potentials.”

<sup>19</sup> Vide KFSa Vol. II, p. 312: “Es fehlt, behaupte ich, unsrer Poesie an einem Mittelpunkt, wie es die Mythologie für die der Alten war, und alles Wesentliche, worin die moderne Dichtkunst der antiken nachsteht, läßt sich in die Worte zusammenfassen: Wir haben keine Mythologie.” Comparar H. Buchholz, *Perspektiven der Neuen Mythologie*, p. 184: “Das entscheidend Neue gegenüber Goethes Horen-Aufsatz (dessen Problemvorgabe die *Mythologie*-Rede stillschweigend übernimmt) ist, daß Schlegel der *Mythologie* zutraut, einstmals die Rolle eines gesamt-kulturellen ‚Mittelpunktes‘ eingennommen zu haben.”

<sup>20</sup> Vide KFSa, Vol. II, p. 312: „Denn auf dem ganz entgegengesetzten Wege wird sie uns kommen, wie die alte ehemalige, überall die erste Blüte der jugendlichen Fantasie, sich unmittelbar anschließend und anbildend an das Nächste, Lebendigste der sinnlichen Welt.” Comparar aqui H.

“do mais profundo da profundeza” (*aus der tiefsten Tiefe*), respectivamente, “a profundeza mais interior do espírito”, i.e., a consciência do poeta individual<sup>21</sup>. Para o desenvolvimento desta criação subjectiva inerente à nova mitologia, descobre-se no Idealismo, aquele “grande fenómeno da época” – entenda-se a *Doutrina da Ciência* (*Wissenschaftslehre*) de Fichte –, “um sinal bastante revelador e uma confirmação notável”. Os resultados mais relevantes da teoria da consciência da *Wissenschaftslehre* de Fichte são resumidos por Schlegel neste discurso, conforme o excerto que se segue:

Do mesmo modo que faz parte da natureza do espírito determinar-se a si mesmo, encontrando-se e regressando a si para lá da constante mudança, a um ponto tal que cada pensamento não é mais do que o resultado de uma tal acção, assim é visível o mesmo processo na totalidade e em cada forma do Idealismo, sendo ele próprio o reconhecimento dessa mesma lei,...

ou como dirá ainda Schlegel, “o procurar-se fora de si e o retornar a si são as ideias mais importantes em Fichte” (KFSa, Vol. XVII, p. 436, nr. 99). Com a procura fora de si, Schlegel alude à primeira actividade de posição, a chamada acção do Eu absoluto, acção na qual ele é infinito e ilimitado, logo absoluto. Com o regresso a si alude à segunda actividade, que se opõe a um Não-Eu e com isso limita o acto do Eu em si mesmo e, segundo Fichte, apenas através disso surge um acto que se conhece a si próprio. Schlegel aceita, deste modo, de Fichte o significado constitutivo do Eu que ele entende ser uma propriedade inerente e criadora do ser humano. Contra Fichte, Schlegel valoriza (e, de resto, também Novalis) a realidade única e irreduzível da natureza, na medida em que o teorema de Fichte sobre a imposição do Não-Eu, i.e., do mundo objectivo e da natureza através do Eu, parece apontar para uma ‘despotenciação’ (*Depotenzierung*) da natureza, pensada somente como

---

Buchholz, *Perspektiven der Neuen Mythologie*, p. 185: „In Anlehnung an die Konzeption Heynes, sieht Schlegel in der antiken Mythologie die, erste Blüte der jugendlichen Phantasie“. Sie repräsentiert dergestalt eine Vorstellungsweise, in welcher die für das rationale Denken unabdingbare Unterscheidung zwischen Wirklichkeit und Phantasma oder sinnlicher Perzeption und reiner Idee noch nicht vorgenommen wird. Diese frühe ‚Denk‘-Form ‚objektiviert‘ sich in einem offenen System von Beziehungen und ‚Anbildungen‘. Als allgemeine Symbolik ist sie Bild und Abbild der Kultur“.

<sup>21</sup> Comparar aqui H. Buchholz, *Perspektiven der Neuen Mythologie*, p. 189: “Die Wahrnehmungsform der alten Mythologie entsprach einer symbolisch-analogischen Ansicht der natürlichen Dinge; der ‚Ort‘ ihrer Genese war der jeweilige ‚Volksgeist‘ einer Kulturgruppe, mit anderen Worten, die kollektive Phantasietätigkeit der ‚Volksgemeinschaft‘. Im Gegensatz dazu ist die *Neue Mythologie* eine bewußt evozierte Schöpfung *Einzelner*... Die Qualität des *Neuen* liegt in der geforderten *Künstlichkeit* des Entstehungsvorgangs, genauer gesagt in der Behauptung, ein kollektiv Verbindliches (hier: ein neuer Mittelpunkt) ließe sich aus dem Leistungsvermögen der Imagination des versprengten modernen Ich ableiten.”

uma realidade totalmente fora da consciência. Facilmente se compreende a gênese da Nova Mitologia a partir desta recepção de Fichte por Schlegel: com efeito, o idealismo, cuja “grande revolução” Schlegel abraça e que haveria de atingir “todas as ciências e todas as artes”, deve ser a origem desta nova mitologia sob a forma da consciência individual e criadora do sujeito poético. Na verdade, o indivíduo poético produz esta nova nova mitologia enquanto “a mais artística de todas as obras de arte”. Em conformidade com ambas as ações primordiais da consciência e, de acordo com a *Wissenschaftslehre* de Fichte, também o idealismo poético, que Schlegel reclama para a produção da nova mitologia, deveria “poder sair de si para a si regressar e ser o que é”. Deveria daqui resultar que se descobrisse este idealismo poético enquanto fonte da nova mitologia como sendo um “realismo igualmente sem fronteiras”, cujo moderno representante Schlegel acredita encontrar em Espinosa. Com efeito, Espinosa surge a Schlegel como representante do Realismo em oposição ao Idealismo, melhor dizendo do sistema do Uno que, muito embora tivesse que ser despojado do “adorno bélico do sistema”, é, no entanto, um dos seus momentos e que é, ao mesmo tempo, “o portador e o suporte da fantasia”, a “fantasia científica”, “que até precede o puro poético e não é mais do que a riqueza da concepção natural” que, por seu turno, deve ser “a mãe e fonte de toda a mitologia” (*idem*, pág. 315, nota de rodapé 11)<sup>22</sup>. Em Espinosa, Schlegel não encontra apenas “o princípio e o fim de toda a fantasia”<sup>23</sup>, mas, também, a concepção de Deus como *substantia infinita*, cuja ideia foi importante para o seu próprio entendimento do infinito<sup>24</sup>. O conceito de Deus de uma *substantia infinita* surge certa-

<sup>22</sup> Numa outra passagem do „Discurso sobre a Mitologia”, Schlegel fundamenta a sua elevada consideração de Espinosa porque este pode ser visto como “an diesem Beispiel am auffallendsten und einleuchtendsten meine Gedanken vom Wert und der Würde der Mystik und ihrem Verhältnis zur Poesie zeigen konnte” (KFSa, Bd. II, 321); Spinoza é, para ele, “der allgemeine Grund und Halt für jede individuelle Art von Mystizismus” (ebd.).

<sup>23</sup> Vide KFSa, Vol. XVIII, p. 317: „Im Spinoza aber findet Ihr den Anfang und das Ende aller Fantasie, den allgemeinen Grund und Boden, auf dem Euer Einzelnes ruht und eben diese Absonderung des Ursprünglichen, Ewigen der Fantasie von allem Einzelnen und Besonderen muß Euch sehr willkommen sein. Ergreift die Gelegenheit und schaut hin! Es wird Euch ein tiefer Blick in die innerste Werkstätte der Poesie gegönnt. Von der Art wie die Fantasie des Spinoza, so ist auch sein Gefühl. Nicht Reizbarkeit für dieses und jenes, nicht Leidenschaft, die schwillt und wieder sinket; aber ein klarer Duft schwebt unsichtbar sichtbar über dem Ganzen, überall findet die ewige Sehnsucht einen Anklang aus den Tiefen des einfachen Werks, welches in stiller Größe den Geist der ursprünglichen Liebe atmet.”

<sup>24</sup> Que Espinosa seja, para Schlegel, o pensador do Infinito é bem visível nesta passagem: *Die Philosophie des Spinoza aber geht auf das Unendliche*. (KFSa, Vol. XII, p.5); “Spinoza hat in seiner Philosophie nur die *Einheit*. Er fängt mit dem Unendlichen (Gott) an, und endigt auch wieder damit.” (*idem*, p. 10). “Der Geist des Spinozischen Systems ist enthalten in der *Lehre von dem Unendlichen und den beyden Sphären, Attributen oder Modifikationen des Unendlichen, nämlich der Ausdehnung und des Denkens*.” (*ibidem*, p. 30). Cf. A descrição sintética do sistema



mente de acordo com a primeira proposição da segunda parte da *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*, em que pensamento (*cogitatio*) é um atributo<sup>25</sup>, i.e., algo que se reconhece pertencer ao entendimento e ao ser desta substância<sup>26</sup>. Mas este atributo da *substantia infinita*<sup>27</sup> é omitido, não sendo considerado. Por essa razão, Schlegel considera que este conceito foi erroneamente entendido, ao se ser guiado pela expressão “substantia” que foi compreendida como uma materialidade, enquanto preenchimento infinito da realidade, sem consciência ou consciência de si. Por esse motivo, Schlegel vê Espinosa “embora erradamente – como o representante de um ‘realismo’ sem espírito e sem consciência, que necessita de ser complementado através do “Idealismo” de Fichte”<sup>28</sup>.

Mesmo que a *Wissenschaftslehre* de Fichte de 1794 conte explicitamente para Schlegel como uma das três grandes tendências da época<sup>29</sup> – a par da revolução francesa e da obra *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* de Goethe – e este a tenha aceite, fascinado, logo após um ano da sua publicação, Schlegel critica simultaneamente os aspectos que, na sua opinião, são unilaterais do Idealismo de

de Espinosa: “*Sein System ist ein Wissen des Unendlichen.*” (*ibidem*, p.31). Que Schlegel leu a *Ética* de Espinosa muito atentamente, é também comprovado na ‘Filosofia Transcendental de Iena’; ver, 30 ss.

<sup>25</sup> *Vide Ethica*, Pars II, Propos. I: “*Cogitatio attributum Dei est, sive Deus est res cogitans.*”

<sup>26</sup> Para a definição de Espinosa do atributo, *vide Ethica*, Pars I, Def. IV: “*Per attributum intelligo id, quod intellectus de substantia percipit, tanquam ejusdem essentiam constituens.*” Denken ist eines der unendlichen Attribute Gottes, das sein ewiges und unendliches Wesen ausdrückt, cf. *Ethica*, Pars II, Propos. I, Demons.: “*Est igitur Cogitatio unum ex infinitis Dei attributis, quod Dei aeternam & infinitam essentiam exprimit (vide Defin. 6 p. 1), sive Deus est res cogitans.*”

<sup>27</sup> *Vide* KFSa, Vol. XII, p. 30: „Der Geist des Spinozischen Systems ist enthalten in der Lehre von dem Unendlichen und den beyden Sphären, Attributen oder Modifikationen des Unendlichen, nämlich der Ausdehnung und des Denkens.” *Idem*, p. 33, woraus auch hervorgeht, daß das System des Spinoza für Schlegel der Inbegriff der „Spekulation” ist: “Die beyden Resultate der Spekulation, daß das Endliche nur Modifikation des Unendlichen sey – und daß das Unendliche die beyden Prädikate habe Gedanke und Ausdehnung...”

<sup>28</sup> *Vide* M. Elsässer, *Erläuterung*, in *Friedrich Schlegel. Transcendentalphilosophie*, p.118; *ibidem*: “Bei Schlegel wird so durch die verfälschende, einengende Rezeption Spinozas die unendliche Fülle der Wirklichkeit zum Unbewußten. Das Unendliche, genauer das “Universum”, ist zwar die unerschöpfliche Quelle alles Wirklichen, aber es weiß sich selbst nicht. Dies ist die Kehrseite der Charakteristik des Unendlichen als des “Positiven”. Im Gegenzug zur neuplatonischen Wirkungsgeschichte, in der “unendlich” unmittelbar oder in der Redeweise per eminentiam stets als *negativer* Ausdruck gebraucht wurde, bewirkt nun eine Wendung ins Positive den Verlust der Annahme eines intelligiblen göttlichen Prinzips.” Em relação à caracterização de Schlegel do “Realismo” de Espinosa comparar para mais pormenores J. Zovko, *Verstehen und Nichtverstehen bei Friedrich Schlegel. Zur Entstehung und Bedeutung seiner hermeneutischen Kritik*, Stuttgart/Bad Cannstatt 1990, pp.49-61.

<sup>29</sup> Cf. Athenäums-Fragment 216, in KFSa, Bd. II, 198.

Fichte, que menospreza a positividade do infinito posicionado pelo Eu<sup>30</sup>. Por consequência, Schlegel procura principalmente unir, no seu entendimento, o Idealismo unilateral de Fichte com o igualmente unilateral, porque inconsciente, Realismo de Espinosa, num “Real-Idealismo”<sup>31</sup>, um “absoluto Idealismo”<sup>32</sup>, numa palavra, uma “filosofia absoluta”<sup>33</sup>.

Espinosa ‘dessistemizado’ (‘entsystematisierte’) e poetizado é, por assim dizer, para Schlegel, o maior modelo daquele “novo realismo” de “origem idealista”, que apenas poderia aparecer na poesia e não mais sob a forma de um sistema filosófico, já que só a poesia consegue “a harmonia do ideal e do real”. Por isso, Schlegel apresenta elogiosamente Espinosa como “o início e o fim de toda a fantasia”, assim como esse sentimento de reflexão clara e clama do divino, divino esse que respira “o espírito e o amor original”. A fantasia e o amor, por seu turno, são inerentes a qualquer bela mitologia que seja “uma expressão hieroglífica da natureza circundante”. Mas o que faz da Nova Mitologia o novo centro da poesia é, segundo Schlegel, que só nela é possível a união do sensível e do espiritual, do real e do ideal<sup>34</sup>. Por isso Schlegel denomina esta Mitologia como “uma obra de arte da natureza”, i.e., uma reflexão poética produzida pelo poeta moderno através da mais íntima profundidade do espírito dado o seu entusiasmo pela natureza<sup>35</sup>. Esta fonte

<sup>30</sup> Cf. Para isto, cf. a fórmula de Schlegel para a filosofia fichtiana in KFSa, Bd. XII, 5f.: “Die Formel für die Fichtische Philosophie ist: *Ich = Ich*. Oder dafür wollen wir sagen *Nichtich = Ich*.”

<sup>31</sup> Sobre a conexão entre Realismo e Idealismo na concepção de Schlegel de uma „nova Mitologia” cf. KFSa, Bd. II, 311-22, em especial 315: „Der Idealismus in jeder Form muß auf ein oder die andre Art aus sich herausgehn, um in sich zurückkehren zu können, und zu bleiben was er ist. Deswegen muß und wird sich aus seinem Schoß ein neuer ebenso grenzenloser Realismus erheben”; dieser Realismus, der „doch idealischen Ursprungs sein, und gleichsam auf idealischem Grund und Boden schweben muß” (ebd.), aber kann nicht mehr wie derjenige Spinozas als System, sondern muß als Poesie auftreten, “die auf der Harmonie des Ideellen und Reellen beruhen soll” (ebd.); zu Schlegels “Ideal-Realismus” cf. M. Elsässer, *Einleitung*, in Ders., (Hg.), *Friedrich Schlegel. Transcendentalphilosophie*, op. cit., XXIXf.; cf. também E. Behler, *Einleitung*, in KFSa, Bd. XII, XIVf.

<sup>32</sup> Cf. KFSa, Bd. XVIII, 65, Nr. 449; 85, Nr. 658; 90, Nr. 736 („absolutester Idealismus”); 282, Nr. 1046; 396, Nr. 908.

<sup>33</sup> *Vide* KFSa, Vol. XVIII, p.43, Nr. 245; p.44, Nr. 256, 258; p.47, Nr. 285, 289, 290, 294; 48, Nr. 295, 302, 303; 53, Nr. 343; 65, Nr. 449; 66, Nr. 454, 462; 67, Nr. 471; 74, Nr. 544; todos os outros dados estão sob a expressão „filosofia absoluta” (“absolute Philosophie”) no índice da KFSa, Bd. XIX, 736.

<sup>34</sup> Comparar neste ponto M. Elsässer (Ed.), *Friedrich Schlegel. Transcendentalphilosophie, Erläuterungen*, p. 100: “Im unaufhörlichen Wechsel zwischen realer Fülle des bewußtlosen Unendlichen und der Einzelheit des bewußten Individuums, kurz: *im* Akt der ‘poetischen Reflexion’ erzeugt sich das Mythologische.”

<sup>35</sup> Comparar aqui M. Elsässer (Ed.), *Friedrich Schlegel. Transcendentalphilosophie, Erläuterungen*, p. 100: “Nicht der individuelle Poet kraft seiner subjektiven Spontaneität ist der Autor des Mythos,

de inspiração infinita de uma natureza continuamente em formação, enquanto manifestação do infinito, é, ao mesmo tempo, o “início de toda a poesia”, porque ela eleva “o curso e as leis da razão pensadas racionalmente” e coloca-nos novamente “na bela confusão da fantasia, no caos original da natureza humana [...], para a qual não conheço até hoje símbolo mais belo do que o colorido tropel dos deuses antigos”<sup>36</sup>. Eis porque Schlegel designa o acto do pensamento poético como um divinizar, um preencher e um sentir do infinito na multiplicidade das suas formas naturais de aparecimento.

## 2.2. A Nova Mitologia como “Nova Religião”

Para Schlegel, a Nova Mitologia, atrás citada, é simultaneamente uma “nova religião”. Porque ela concilia ambos os elementos da moral e da religião como articulação de uma com a outra, na qual o elemento religioso prevalece claramente<sup>37</sup>. No entanto, a Nova Mitologia é a “nova religião” porque só nela é que o divino pode ser experimentado, ou seja, é reflectido de uma forma precisa. Através de cada acto de reflexão gera-se sempre uma única e característica imagem de Deus, uma única representação de Deus. A soma destas representações de Deus caracteriza cada indivíduo, na qual a liberdade do universo se espelha. Se chamamos à natureza uma divindade em devir, quremos dizer que ela é o portão a partir do qual provêm as ocasiões concretas para “o indivíduo criar concepções específicas de Deus”. Portanto, a frase fala do devir que acumula as imagens singulares de Deus.<sup>38</sup> Estamos, no entanto, perante uma caracterização puramente formal da Nova Mitologia como “nova religião”, sem qualquer descrição do seu conteúdo, que Schlegel evita de forma consciente: “A *Nova Mitologia* não representa, portanto, uma visão do mundo determinada e com conteúdo rígido, mas deve ser compreendida como ‘arte da mediação e ciência da criação’” (KA XVIII, 125, N° 32)<sup>39</sup>.

---

sondern die unbewußte 'Natur' selbst ist es, indem sie sich des individuellen Künstlers als eines Werkzeugs bedient. In diesem Sinne ist die Aussage zu verstehen: 'Die Mythologie ist ein... Kunstwerk der Natur'”.

<sup>36</sup> Eis uma indicação de como Schlegel compreende a Razão!

<sup>37</sup> Schlegel, *Jenaer Transcendentalphilosophie*, p. 62: “Die Poesie verbindet auch durch ein Mittelglied die beyden Endglieder, Moral und Religion aber dies Mittelglied ist nicht Politik, wie bey der Philosophie, sondern es ist die *Mythologie*... Das Mittelglied der Poesie ist also die Mythologie, in der Philosophie die Politik. Beyde vereinigen Moral und Religion. Nun haben wir zu bemerken das Übergewicht des einen Elements in dem einen Fall, und das Übergewicht des andern Elements im andern. Bey der *Mythologie* ist die *Religion das Überwiegende*, in der *Politik die Moral*.”

<sup>38</sup> M. Elsässer, *Friedrich Schlegel, Transcendentalphilosophie*, p. 124.

<sup>39</sup> H. Buchholz, *Perspektiven der Neuen Mythologie*, p. 212.

### III

#### Notas sobre a “Nova Mitologia” no *Sistema do Idealismo Transcendental* de Schelling

É *prima facie* surpreendente que Manfred Frank, tendo redigido importantes artigos de investigação sobre a origem do conceito de uma “Nova Mitologia” de Herder (em particular, na publicação *Iduna ou a Maçã do Rejuvenescimento*) e sobre a influência que este conceito teve em Schlegel e nos primeiros escritos de Schelling, não tenha, nesta linha, analisado com pormenor o *Sistema de 1800* de Schelling.

Na sétima das suas conferências de 1982 sobre a Nova Mitologia com o título “O Deus que aí vem”, Manfred Frank apresenta a ideia romântica dessa mitologia e refere naturalmente Schelling, seja através de um texto da fase inicial seja de um texto de uma fase, por assim dizer, posterior, a fase da filosofia da identidade. Nessa conferência, faz derivar a exigência schellinguiana sobre um renascimento de um sistema universal e mítico de símbolos e de representações, a saber, uma mitologia transnacional e universal como condição necessária a uma reintegração do mundo natural pelas pessoas<sup>40</sup>, tanto do *Credo Epicureu de Heinz Widerporsten* que Schelling escreveu em 1799, como também de um trecho mais longo, da época das lições de Würzburg em 1804. Neste trecho, Schelling reclama o renascimento de uma visão simbólica da natureza com o objectivo de restabelecer uma verdadeira – o que, para ele, significa universal – mitologia. Tal não poderia vir ao mundo através de poetas individuais, mas, apenas, através da totalidade ética de uma nação. Precisa de uma matéria universal, de uma poesia universal, que só pode ser obtida através da unidade espiritual de um povo, especialmente através de uma vida realmente pública – do mesmo modo que “a ciência e a religião só encontram a sua objectividade na unidade espiritual e política de um povo” (SW, I/6, 570-573). Esta exigência de uma mitologia só se torna perceptível tendo como pano de fundo a ausência – também expressamente lamentada por Schelling – de uma poesia elevada<sup>41</sup>, o que também já fora lamentado no *Discurso sobre a Mitolo-*

---

<sup>40</sup> Sobre este assunto, *vide* M. Frank, *Der kommende Gott. Vorlesungen über die Neue Mythologie*, Frankfurt a.M. 1982, p. 201: “Ein zweiter auffälliger Gedanke in Schellings Text ist der, daß die allgemeine Symbolik von der Naturansicht ihren Ausgang nehmen müsse; und da die Natur das Reich alles Wirklichen ist, kann man diesen Satz in den anderen umformen: daß erst unter der Voraussetzung einer *aus* Ideen begründeten Wirklichkeitserklärung die Wiederinbesitznahme der natürlichen Welt durch den Menschen wird gelingen können: sein Wieder-einheimisch-Werden im Weltall, in dem er – durch die Entfremdung – ein Fremdling geworden ist.”

<sup>41</sup> Sobre este assunto, *vide* H. Fuhrmans, *Schellings Briefe und Dokumente II*, p. 534: „Die neuere Kultur hat keine Mythologie. Darum ist sie auch großer, gültiger Poesie nicht fähig. Aber Mythologie wird nicht neu geboren werden, ehe die Götter wieder >von der Natur Besitz

gia de Schlegel. É de admirar que Manfred Frank, nesta linha, não tenha entrado mais profundamente no *Sistema de 1800* de Schelling, onde também se encontra claramente enunciada esta exigência de uma nova mitologia. Procuremos, por conseguinte, apresentar alguns elementos novos que são constitutivos da ideia romântica de uma Nova Mitologia.

No sexta secção principal do seu *Sistema do Idealismo Transcendental*, Schelling expõe a dedução do obra artística como sendo um órgão geral da filosofia, para dele concluir que a contemplação estética é aquela em que o próprio eu tem consciência da identidade original entre a sua acção consciente e inconsciente, entre o que é subjectivo e o que é objectivo. O produto de arte, no qual é anulada a divisão entre ambas as acções, reflecte, consequentemente, o absoluto como identidade absoluta, especialmente a indiferença daquilo que é subjectivo relativamente ao que é objectivo e é, por esse motivo, designado por Schelling de modo enfático como “a única e eterna manifestação que existe”<sup>42</sup>. No génio artístico, ambas as acções estão, por esse motivo, interligadas, de tal modo que a obra de arte pode ser compreendida quer como produto de uma graça da natureza obtida de forma consciente e que, por isso, passível de ser aprendida e exercitada, quer como um produto de uma graça inata da natureza, graça essa que Schelling também chama “*poesia* na arte”<sup>43</sup>. Nesse sentido, o génio é considerado o criador da arte autêntica e integral, visto que “para a própria estética [...], aquilo que o eu é para a filosofia, a saber, aquilo que de mais elevado e absolutamente real existe, nunca é objectivo por si mesmo, mas é causa de tudo o que é objectivo”<sup>44</sup>. Todavia, enquanto síntese completa da natureza e da liberdade, a própria obra de arte apresenta-se, por fim, como uma infinitude inconsciente. Possui, portanto, um sentido infundável que, por esse motivo, também é capaz de uma interpretação sem fim. No entanto, a representação finita de algo infinito é, para Schelling – seguindo, neste ponto, a tradição platónica-neoplatónica –, a essência da beleza. Nesse sentido, a beleza é para ele a verdadeira característica fundamental de toda a (verdadeira) obra de arte. Schelling faz derivar desta análise a chamada intuição estética, na qual a intuição intelectual se torna consciente de si mesma. Na intuição intelectual, torna-se conhecido o eu intuído, isto é, toma-se consciência de que o que é absolutamente idêntico constitui

---

ergreifen<. Indes; die >Wiedergeburt... symbolischer Ansichten ist ein Schritt zur Wiederherstellung der alten Poesie [...] Dann werden die getrennten Elemente des Lebens und der Wissenschaft in den alten Ocean der Poesie zurückfließen, von wo sie ausgingen, sie werden in ihn, bereichert mit dem Überflusse aller Religionen zurückkehren”.

<sup>42</sup> F.W.J. Schelling, *System des transzendentalen Idealismus*. Mit einer Einleitung von Walter Schulz, Hamburg 1962, p. 286.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 287.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 288.

o princípio absolutamente simples de toda a realidade. No entanto, para Schelling, esta intuição tem duas desvantagens: permanece continuamente interior e, consequentemente, isolada, não sendo, portanto, reconhecida por todas as pessoas. Estas duas desvantagens só são neutralizadas através da sua objectivação na intuição estética. Por conseguinte, só esta última é, para Schelling, aquela intuição imediata em que a identidade absoluta é apresentada, isto é, reflectida, num objecto finito. A intuição estética das obras artísticas anula, assim, a infundável oposição entre acções conscientes e inconscientes através da criação de um objecto finito, a obra de arte em particular. A intuição produtiva, inerente a esta faculdade artística, é também designada por Schelling como faculdade poética sendo a imaginação a faculdade presente, visto que é capaz de juntar numa obra de arte finita o consciente e o inconsciente, de tal modo que eles se tornam um só.

Uma vez que só a chamada intuição estética consegue que a intuição intelectual seja intersubjectivamente consciente, melhor dizendo, validada de forma objectiva, então a arte é, como Schelling sublinha de modo enfático, “o único órgão verdadeiro e eterno da filosofia que é, ao mesmo tempo, o seu único documento... , que testemunha, sempre e continuamente, o que a filosofia não consegue expressar exteriormente, nomeadamente o que há de inconsciente no agir e no produzir, assim como da sua identidade original com o que é consciente. É essa a razão pela qual a arte é precisamente o que de mais elevado existe para o filósofo, porque lhe abre, por assim dizer, o que de mais sagrado há (nomeadamente o absoluto como identidade absoluta do subjectivo e do objectivo), onde arde como uma chama a união eterna e original do que está separado na natureza (como aquilo que é objectivo) e na história (como aquilo que é subjectivo), e que escapa para sempre na vida, na acção e no pensamento”<sup>45</sup>. A superioridade da arte em relação à filosofia está, portanto, no facto da arte poder “tornar objectivo, com uma legitimidade total, aquilo que o filósofo só consegue apresentar de forma subjectiva”<sup>46</sup>, nomeadamente a apresentação objectiva do absoluto como identidade absoluta do que é consciente e inconsciente. Desta primazia da arte, Schelling faz derivar, por fim, a esperança de que a filosofia e a ciência resultantes da poesia “refluam para o seu aperfeiçoamento como outros tantos caudais individuais no oceano total da poesia, de onde saem”<sup>47</sup>. Uma vez que Schelling vê na mitologia a articulação entre a filosofia, em especial das ciências, e a poesia, irá reclamar uma nova mitologia que seja o meio de permitir o retorno da filosofia, por ele desejado, assim como de

---

<sup>45</sup> F.W.J. Schelling, *System des transzendentalen Idealismus*, Mit einer Einleitung von Walter Schulz, Hamburg 1962, p. 297.

<sup>46</sup> F.W.J. Schelling, *System des transzendentalen Idealismus*, Mit einer Einleitung von Walter Schulz, Hamburg 1962, p. 298.

<sup>47</sup> *Idem*.

todas as ciências, à poesia. Esta nova mitologia não pode ser, segundo Schelling – em concordância com Friedrich Schlegel –, a invenção de um poeta individual, mas apenas de uma nova espécie de poetas como se fossem um só. Não obstante, tal a possibilidade de uma geração de poetas unida pela nova mitologia apresenta um problema, “cuja solução só pode ser advir do futuro destino do mundo e do ulterior decurso da história”<sup>48</sup>, como Schelling sublinha. Sobre a forma como este se processará, o autor remete para um “tratado escrito há muitos anos *sobre a mitologia*, que só deve aparecer agora, num curto espaço de tempo”<sup>49</sup>. Como este tratado é infelizmente desconhecido, Schelling poderia estar a referir-se a um ensaio realizado em conexão com *O Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão*.<sup>50</sup>

#### IV

### A comunhão do conceito de uma “Nova Mitologia” em Schlegel e em Schelling

Resumindo: o conceito de uma Nova Mitologia em Schlegel e em Schelling é, em primeiro lugar, o resultado de um diagnóstico crítico de uma época despojada de uma mitologia sentida como comum. Daí resulta, em segundo lugar, que ambos os autores exijam a criação de uma Nova Mitologia sob a forma de uma poesia universal que fosse criada, não por poetas individuais, mas, sim, e apenas, por uma nova geração de poetas. Essa Nova Mitologia representaria a unidade espiritual de um povo. Em terceiro lugar, para Schlegel, só na Nova Mitologia é possível a união do sensível e do espiritual, do real e do ideal, tornando-se no centro sustentador da poesia; ora, também Schelling vê na Nova Mitologia a forma de expressão global de uma poesia universal, em cujas criações estão ligadas, inseparavelmente, a acção consciente e inconsciente do Eu, o subjectivo e o objectivo. Em quarto lugar, para Schlegel, a fantasia do poeta é quase a origem ideal da Nova Mitologia que, contudo, necessita de um complemento através de um realismo natural sem o qual tal mitologia não poderia ser gerada; do mesmo modo, encontramos em Schelling, a invocação da imaginação como a faculdade que realiza a unificação do subjectivo e do objectivo enquanto elemento essencial da faculdade poética. Em

---

<sup>48</sup> *Idem.*

<sup>49</sup> F.W.J. Schelling, *System des transzendentalen Idealismus*, Mit einer Einleitung von Walter Schulz, Hamburg 1962, p. 298, Parágrafo 1.

<sup>50</sup> É esta a opinião de M. Frank, *Der kommende Gott. Vorlesungen über die Neue Mythologie*, p. 211, parágrafo 17.

último lugar, Schlegel vê nas reflexões poéticas da Nova Mitologia os novos reflexos e as manifestações da interminável fonte de inspiração da natureza, pensada como revelação infinita; ora, Schelling acredita poder apreender nas obras de arte poéticas as infinitas representações do infinito, mais propriamente, do absoluto enquanto a identidade absoluta do subjectivo e do objectivo. Daí que ambos estejam convencidos do significado irredutível da natureza e do seu aspecto simbólico para a concretização da sua reclamação para a criação de uma Nova Mitologia enquanto âmago de uma poesia universal conjunta. Em suma, podemos concluir que ambos os conceitos de uma Nova Mitologia se assemelham até aos seus ínfimos pormenores.

## V

### A “Nova Mitologia” no Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão

Gostaria, para terminar, de apresentar uma breve reflexão sobre a posição que uma Nova Mitologia ocupa no chamado *Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão*, da qual talvez possam resultar algumas elucidações para podermos responder à questão colocada no início da minha conferência em relação a uma possível influência dos conceitos de uma “Nova Mitologia” em Schlegel e em Schelling. Nada pode ser acrescentado à exaustiva investigação acerca do “projecto propagandista” deste sistema – como foi designado por Dieter Henrich –, do mesmo modo que são exaustivos os estudos sobre a possível autoria deste projecto, cuja decisão quero deixar aos especialistas nesta questão. Gostaria antes de proceder a uma muito breve reconstrução da proposta de uma Nova Mitologia, tendo em consideração tanto as reflexões de Manfred Frank sobre este assunto, como a dissertação, a meu ver, excelente de Helmut Buchholz. Com toda a razão, Manfred Frank chamou-nos à atenção para o facto de que talvez “contrariamente ao postulado de Herder de uma mitologia do presente assente e amadurecida pelo espírito da linguagem”<sup>51</sup>, a exigência que aparece no Programa de Sistema de uma Nova Mitologia resulte antes “a partir de uma crítica de inspiração radical-anarquista ao Estado”<sup>52</sup>. No seguimento do princípio filosófico da acção livre do Eu esboça-se o programa político de uma Nova Mitologia, ao confrontar uma concepção mecanicista do Estado a partir do ideal organicista de Kant. Além disso, Manfred Frank pressupõe que nesse ataque à engranagem mecânica da máquina-estado

<sup>51</sup> M. Frank, *Der kommende Gott*, p. 155.

<sup>52</sup> *Idem*.



“o destinatário da crítica já não é mais o estado feudal absolutista, mas o estado burguês (no sentido moderno da palavra)”<sup>53</sup>.

O estado burguês, ter-se-á, através do seu processo de racionalização separado das raízes da sua fundação que era a ideia de liberdade: “...agora este estado já não é um meio para atingir um fim, que lhe tivesse sido inscrito, mas, tornou-se o próprio fim, o que significa em geral que ele tornou inútil”<sup>54</sup>. Mas, afinal, em que é consiste a nova ética que o “Programa de Sistema” pretende esboçar? Esta ética pretende ser um sistema integral de todas as ideias cujo conteúdo comum seja a ideia de beleza, beleza essa que deve ser, por conseguinte, a “pedra de toque de todas as ideias”. A ideia de beleza reúne todas as ideias em si, as de verdade e de bondade, de forma que no acto estético estão unidos o acto teórico do conhecimento e o acto prático-moral, razão pela qual este é o acto mais elevado da razão. Manfred Frank deu os passos que faltavam na elucidação da função do acto estético e com isso mostrou magistralmente até que ponto a obra de arte é uma obra da liberdade, tanto prática como teórica, “porque ela, a obra de arte, traz a ideia de Bem – a absoluta liberdade – à intuição, tornando-a firme e visível, a um ponto tal que se torna objecto da inteligibilidade teórica. Ora, a intuição da liberdade é a verdade, porque é verdadeiro o que é adequado à Ideia no campo da Natureza.”<sup>55</sup> O acto estético realiza-se sobretudo na Poesia. Como os actos teóricos e prático-morais se integram no acto estético, a filosofia integrar-se-á e, com ela, todas as ciências e as restantes artes, na poesia, poesia essa que no final da história da humanidade voltará a ser o que foi no seu início, i.e., o mito<sup>56</sup> – enquanto “mestra da humanidade”. Nesta época, a poesia era mito (e culto) e o mito era poesia<sup>57</sup>. Nesta época, a poesia era “religião sensível” e falava enquanto tal às grandes massas e não tanto aos indivíduos. O “Programa de Sistema” deseja que este estado retorne e, por isso, reclama um “monoteísmo da razão e do coração”, i.e., um único poder divino que reine tanto na razão e como no coração dos homens, assim como um “politeísmo da imaginação e da arte”, isto é, uma multimoda criação (*Prägung*) divina inerente à faculdade artística assim como aos seus produtos.

Para a realização destes objectivos pedagógicos de “tornar sensível as ideias filosóficas” bem como de “sensibilizar as massas para interesses espirituais”<sup>58</sup>, o “Programa de Sistema” requer uma nova mitologia que esteja “ao serviço das

---

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 176.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 183.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 184.

<sup>56</sup> Comparar Manfred Frank, *Der kommende Gott*, p. 185.

<sup>57</sup> M. Frank, *Der kommende Gott*, 185.

<sup>58</sup> Helmut Buchholz, *Perspektiven der Neuen Mythologie*, p. 134.

Ideias” e que se deve tornar “numa mitologia da razão”. Apenas uma tal mitologia racional, i.e., filosófica, poderia tornar as ideias da razão, estéticas e como tal mitológicas, atractivas para todo o povo. Por outro lado, também os filósofos precisam de uma mitologia para tornar as suas ideias sensíveis e, através disso, poderem comunicar em geral. Sendo assim, “o conceito ‘mitologia’ indica a forma e o conceito ‘razão’, o conteúdo”<sup>59</sup> do projecto educativo geral, projecto no qual, de acordo com o “Programa de Sistema”, a Nova Mitologia se deve tornar. Através da Nova Mitologia, os intelectuais – na linguagem do “Programa de Sistema”, os sábios e os padres –, até agora separados e alheados do povo, devem juntar-se de novo numa grande massa para concretizar o ideal político-social de “liberdade total e de igualdade dos espíritos”. Através da sua caracterização enquanto “nova religião”, é atribuída à Nova Mitologia o carácter de uma nova e talvez até insuperável soteriologia, a um ponto tal que esta nova religião é designada no “Programa de Sistema” como “a última grande obra da humanidade”, para cujo legado se torna necessário que um espírito superior seja enviado do céu. Desta forma, a Nova Mitologia do “Programa de Sistema” está ao serviço de uma utopia social, com tendência para o totalitarismo, ao propagar o ideal não apenas de uma liberdade geral, mas, também, de uma igualdade geral dos seres humanos. Se, na verdade, este ideal tem a sua razão de ser na eterna unidade mais originária entre os seres humanos, também não é menos verdade que entra em contra-senso quando a imposição da livre independência se torna uma forma de subjugação. Muito embora uma tal intenção totalitária esteja, possivelmente, longe da intenção do autor do “Projecto de Sistema”, está, no entanto, presente nas consequências políticas do seu ideal de igualdade e de unidade.

## VI

### **Será que Friedrich Schlegel e Schelling conheciam o *Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão?***

A suposição objectiva e evidente, e por isso também já múltiplas vezes avançada, de que Schlegel e Schelling conheciam a concepção de uma Nova Mitologia do *Mais Antigo Programa de Sistema do Idealismo Alemão* (se é que Schelling não foi ele mesmo o autor), podendo, assim, prosseguir para as suas próprias concepções de uma Nova Mitologia, deve, por fim, ser reforçada com as seguintes razões:

---

<sup>59</sup> *Idem, Perspektiven der Neuen Mythologie*, p. 135.

1. O “Programa de Sistema” reconhece na Nova Mitologia razão e sensibilidade, o que significa: ideal e real, por conseguinte subjectivo e objectivo, consciente e inconsciente, unidos uns aos outros. Esta tarefa mediadora da Nova Mitologia deverá ter sido o modelo no qual ambos teceram conclusões semelhantes.

2. O acto estético necessário para a construção de uma Nova Mitologia é entendido enquanto o acto superior da razão, que une os seus actos teóricos e éticos. A esta pressuposição corresponde na prática a função unificadora da visão estética do *Sistema de 1800* de Schelling.

3. O acto estético realiza-se sobretudo na poesia, cujo carácter unificador ultrapassa todas as outras formas espirituais de expressão, razão porque – sob a premissa metafísica de que toda a unidade é princípio e objectivo de toda a multiplicidade – todas as ciências e artes sejam oriundas da poesia e a esta regressem. Esta exacta pressuposição é discutida literalmente sob estas mesmas premissas no seu *Sistema de 1800*.

4. A Nova Mitologia terá sido capaz de ter um efeito unificador e harmónico na situação social considerada desequilibrada e atomizada na sua época pelos três projectos, coisa que no “Programa de Sistema” é sem dúvida persistentemente propagada e legitimada.

5. Apenas em Schlegel e no “Programa de Sistema”, a Nova Mitologia ganha expressamente a qualidade de uma nova religião e, assim, de uma nova soteriologia. Contudo, esta observação é também inerente à concepção schellinguiana.

Em suma, podemos legitimamente aceitar que o conceito de uma Nova Mitologia, desenvolvida no “Programa de Sistema” nos pontos que assinalámos, é uma base primeira e um ponto de partida comum para se compreender a concepção que tanto Schlegel e Schelling desenvolveram, assim como os seus múltiplos pontos em comum. Tudo isto nos leva a crer que ambos os autores conheciam, no mínimo, o “Programa de Sistema” e aceitaram-no ou até, no caso de Schelling, o escreveram.

### Referências Bibliográficas:

- BEHLER, E., *Friedrich Schlegels Theorie der Universalpoesie*, in *Jahrbuch der Deutschen Schillergesellschaft* 1 (1957).
- BUCHHOLZ, Helmut, *Perspektiven der Neuen Mythologie. Mythos, Religion und Poesie im Schnittpunkt von Idealismus und Romantik um 1800* (Berliner Beiträge zur neueren deutschen Literaturgeschichte 13), Frankfurt a. M./Bern/New York/Paris, 1990.
- ELSÄSSER, M., *Einleitung, Friedrich Schlegel. Transcendentalphilosophie*, Hamburg, 1991.

- ELSÄSSER, M., *Friedrich Schlegels Kritik am Ding*. Mit einem Geleitwort, hg. W. Beierwaltes, Hamburg, 1994.
- ENDERS, Markus, *Das romantische Unendlichkeitsverständnis Friedrich Schlegels*, in *Deutsche Vierteljahrschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte* 74, 2000, pp. 44-83.
- FRANK, Manfred, *Der kommende Gott. Vorlesungen über die Neue Mythologie*, Frankfurt a.M., 1982.
- SCHELLING, F.W.J., *System des transzendentalen Idealismus*. Mit einer Einleitung von Walter Schulz, Hamburg, 1962.
- SCHLEGEL, K. W.F., *Der Kleine Flämische Sprachatlas*, Vol. II, Vol. V, XII, XIII, Vol. XVIII.
- ZOVKO, J., *Verstehen und Nichtverstehen bei Friedrich Schlegel. Zur Entstehung und Bedeutung seiner hermeneutischen Kritik*, Stuttgart/Bad Cannstatt, 1990.